

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

262

INSCRIÇÕES 881-882



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2024

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Todos os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação | CEAACP

Toda a colaboração deve ser dirigida a:
fe.revista@uc.pt

Ficheiro Epigráfico | Instituto de Arqueologia | Palácio de Sub-Ripas
Rua de Sub-Ripas 3000-395 COIMBRA | PORTUGAL



UM NOVO GRAFITO DE *CHRESIMUS* EM CONÍMBRIGA

O n.º 213 do *Ficheiro Epigráfico* 47 ocupava-se de um grafito sobre colo de bilha em cerâmica alaranjada fina (Fig. 3) encontrada na área norte da Casa dos Repuxos em Conímbriga (Correia, 1994a). A primeira leitura erroneamente proposta foi, posteriormente, revista para *Chresimus* (Mayer, 1995).

A dita peça terá sido exumada em escavações realizadas em 1992 (Oleiro, 1992), no espaço A9 da Casa dos Repuxos que corresponde a uma passagem abobadada que faz a ligação entre o interior do edifício e a fachada norte da casa que comunica com o Vale Norte da cidade.

Recentemente, no âmbito de um novo projecto em curso¹, novas sondagens arqueológicas dispuseram-se em torno de onde era suposto encontrar-se a entrada norte e o alinhamento setentrional da Casa dos Repuxos (Silva *et al.*, 2023). Aqui, a poente da referida galeria abobadada, os trabalhos arqueológicos realizados em 2022 revelaram a existência de um novo compartimento que terá sido reformulado e parcialmente aterrado durante as primeiras décadas do séc. II d. C. (Silva *et al.*, 2023: 682). Este depósito assemelha-se a uma lixeira, onde foi possível exumar uma quantidade avultada de material arqueológico de distinta natureza. Entre a amálgama de espólio recolhido, quis a fortuna que, volvidos cerca de 30 anos, fosse possível identificar

¹ Referimo-nos ao projecto *Conimbriga MMXX. Avaliação do potencial científico e patrimonial do vale norte de Conímbriga* (2020-2024).

um novo recipiente cerâmico com grafito, idêntico ao que antes tinha sido identificado a escassos metros de distância.

Desta feita, a peça escolhida foi uma tigela ou taça para beber, de cerâmica alaranjada fina revestida por engobe avermelhado, cujo fabrico se encontra bem documentado na cidade, em contextos alto-imperiais². A taça, de perfil biconvexo (Fig. 1), inspira-se na forma Drag. 27 de *terra sigillata*. Assemelha-se, por exemplo, à tigela n.º 547, com “copa em dois lanços, ambos convexos”, já conhecida entre a cerâmica de produção local e regional (Alarcão, 1975: 88). Na parte inferior da peça pode ler-se:

CRHI[I]SIMII

O nome está inscrito em posição supina relativamente ao uso normal da peça (Fig. 1). Noutro local junto à base da taça encontram-se os vestígios de outro grafito, aparentemente do mesmo nome, em posição normal. Na inscrição mais bem conservada, uma fratura afetou o segundo I (Fig. 2), que desapareceu, e outras danificaram as últimas letras, mas a leitura não levanta dúvidas.

Altura das letras: 6/7 mm.

Tal como na peça já conhecida (Fig. 3), também este grafito foi traçado obliquamente, com uma ponta muito fina. Apesar de se encontrar ligeiramente rasurado, as semelhanças com a anterior inscrição são por demais evidentes, tanto mais que, também neste caso, surge grafado *Crhesimus*, com transposição do H. Aliás, o fraco domínio da ortografia latina por *Chresimus* fica agora ainda mais atestado (*Chresime*).

Como já foi assinalado, trata-se de um cognome etimologicamente grego bastante frequente e deverá, porventura, integrar-se no grupo de nomes de indivíduos de classe servil que poderiam ter servido a família residente nesta casa palaciana. Os mosaicos da casa nomeiam outros servos, entre os quais se

² Deverá distinguir-se esta produção da cerâmica alaranjada fina tardia ou baixo-imperial (Alarcão, 1975: 93-95), que pode apresentar perfis muito semelhantes e também inspirados em formas importadas.

destaca um com nome grego: *Calimerus*, mas também nomes indígenas, como *Puluncatus*, ou romanos como *Spectatus* e *Severus* (Étienne *et al.*, 1976: 112-113, nº 100; Oleiro, 1992: 179).

Na Lusitânia, tem-se registado com assiduidade no *conventus Pacensis*, como mostram os casos de *Mumius Chresimus* junto a Ferreira do Alentejo (IRCP 333), *Atilius Chresimus* em Arraiolos (IRCP 435) ou *Iulia Chresima* em Beja (Encarnação e Serra, 2018). Atemo-nos ao Ocidente da Lusitânia; M. Mayer (1995) indicou várias outras ocorrências.

Chresimus e *Calimerus* usavam, portanto, nomes gregos, que eram comuns entre os habitantes de extracção servil da cidade como *Arethusa* (Étienne *et al.*, 1976: 178, nº 390), *Aphrodisia* (*id.* 78, nº 50), *Calliope* (*id.* 86-87, nº 63), *Daphnus* (*id.* 33-34, nº 13), *Heliodoros* (*id.* 34-35, nº 14), *Helena/Helenus* (*id.* 80-81, nº 54 e 89, nº 66) e *Phoebe* (*id.* 89, nº 66).

Não será possível determinar, com precisão absoluta, a classe do indivíduo (escravo ou liberto?), embora seja de realçar a modéstia da baixela – uma taça de beber e uma bilha – de cerâmica comum de produção local, que se preocupou em sinalizar como sendo sua pertença. Também de *Conimbriga*, uma taça de *terra sigillata* hispânica (*Ficheiro Epigráfico* nº 212; Correia, 1994b) tem gravado no fundo *domni*, síncope de *domini*, literalmente traduzível por “Do dono”, ou talvez mais sensivelmente por “[Esta taça] tem dono”. Manifestamente, também *Chresimus* receava a perda das suas posses. Ou recearia a perda do conteúdo, mais do que do contentor? Que trago tão exclusivo pretendia assegurar só para si?

RICARDO COSTEIRA SILVA*

DIANA ANTUNES**

VIRGÍLIO HIPÓLITO CORREIA***

* Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra / Centro de Estudos Interdisciplinares – UC (CEIS20).

** Mestranda em Arqueologia e Território na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

*** Museu Nacional de Conimbriga (MNC) / Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos (CECH).

Referências:

Alarcão, J. de (1975): *Fouilles de Conimbriga V. La céramique commune locale et régionale*. Paris: Diffusion E. de Bocard.

Correia, V. H. (1994a): “Grafito de Callesimus, de Conimbriga”, *Ficheiro Epigráfico* 47, n.º 213.

Correia, V. H. (1994b): “Um grafito de propriedade, de Conimbriga”, *Ficheiro Epigráfico* 47, n.º 212.

Encarnação, J. d', Serra, M. (2018): “Cupa do torreão das portas de Mértola, Beja”, *Ficheiro Epigráfico* 162, n.º 636.

Étienne, R., Fabre, G., Lévêque, P. e M. (1976): *Fouilles de Conimbriga II. Épigraphie et Sculpture*. Paris: Diffusion E. de Bocard.

IRCP = Encarnação, J. d' (1984): *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis: Subsídios para o Estudo da Romanização*. Coimbra: Instituto de Arqueologia.

Mayer, M. (1995): “Crhesimus, no Callesimus. A propósito de *Ficheiro Epigráfico* 213”, *Anuari de Filologia*, vol. XVIII, D-6, p. 185-187.

Oleiro, J. M. B. (1992): *Conimbriga. Casa dos Repuxos*. Conimbriga: MMC (Corpus dos Mosaicos Romanos de Portugal I).

Silva, R. C., Ruivo, J., Dias, V. (2023): “A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022”, In Arnaud, J. M.; Neves, C.; Martins, A. (coords.), *Arqueologia em Portugal 2023 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS20, IA-FLUC, p. 679-691.

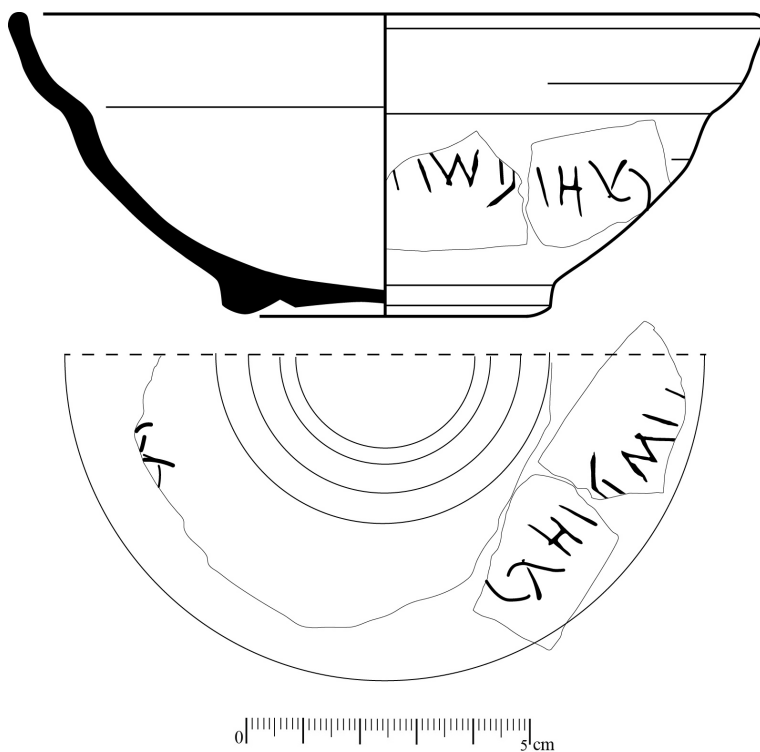


FIG. 1 – Novo grafito de *Chresimus* (sobre taça para beber) de *Conimbriga* (desenho de Sara Almeida).



FIG. 2 – Pormenor dos novos grafitos (desenho de Sara Almeida)

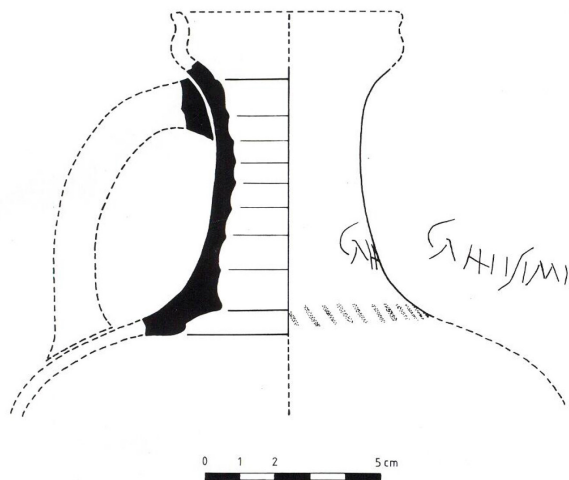


FIG. 3 – O conhecido graffito de *Chresimus* (sobre bilha) de Conímbriga (retirado de Correia, 1994a).

FRAGMENTO DE UNA INSCRIPCIÓN ROMANA
EN LOGROSÁN, CÁCERES
(*Conventus Emeritensis*)

Presentamos en su *editio princeps* un fragmento de estela o ara de granito roto por todos sus lados excepto por el derecho, cuyas medidas máximas conservadas son 22 cm de altura por 32 cm de anchura. El grosor de la pieza no ha sido posible medirlo por encontrarse empotrada en la fachada del cortijo donde se halló (Fig. 1). El soporte epigráfico es una piedra granítica de grano grueso de tonalidad anaranjada característica de afloramientos de granito cercanos¹.

La inscripción fue descubierta recientemente en el mismo lugar en el que se encuentra ahora, el cortijo propiedad de la familia Mora-Peña, sito en una de las fincas denominadas “Navacebrera” pertenecientes al término municipal de Logrosán, a unos 5 km al oeste de su casco urbano. Sus actuales propietarios tuvieron conocimiento de la misma mientras realizaban obras de mejora en la fachada sur del cortijo. Fue al retirar su antiguo enlucido cuando pudieron ver que, sobre el dintel de la puerta principal, empotrada junto con otras piedras de desigual tamaño,

¹ Según información transmitida por don Alfonso Mora-Peña, geólogo de minas y copropietario del edificio donde se encontró la inscripción, estos afloramientos más próximos se localizan en la Sierra de San Cristóbal, junto a la localidad de Logrosán, al suroeste de su caserío, y a unos 5 km de distancia del lugar donde se halla el epígrafe.

morfología y origen, se hallaba esta piedra con inscripción como parte de la fábrica del mismo muro (Fig. 2). Según relato transmitido por uno de los propietarios, don Alfonso Mora-Peña², la construcción primitiva de este cortijo se remontaría con seguridad al menos hasta mediados del siglo XIX. El lugar preeminente donde se colocó este fragmento de epígrafe romano, sobre el dintel de la puerta de entrada principal justo en el centro de la misma, nos estaría hablando de una práctica muy extendida entre los habitantes de la zona, como es la reutilización de este tipo de *spolia* en su vivienda familiar para dotarse de cierto halo de prestigio social, tratando de emular con ello los blasones nobiliarios que eran exhibidos en las casas señoriales más pudientes de su entorno³.

El cortijo se construyó sobre una elevación del terreno, entre dos corrientes de agua, una de ellas el arroyo de La Pedriza, también conocido como Pizarroso. Sobre el terreno, en superficie, de esta loma el actual propietario de la finca da testimonio de haber visto restos constructivos de época romana de lo que para él parecen *tegulae*. Asimismo su esposa, doña Remedios Corral, nos indica de primera mano un lugar próximo donde ha descubierto también en superficie abundantes restos cerámicos de época romana. Se trata de la ladera de otra colina situada a unos 800 metros al suroeste de la vivienda donde fue reaprovechado el epígrafe, por lo que podría pensarse en una ubicación primitiva cercana al mismo lugar del hallazgo de la piedra⁴.

² A quien agradecemos todas las facilidades prestadas, así como igualmente a su esposa, doña Remedios Corral, para el estudio de este epígrafe que realizamos *in situ* el 27 de enero de 2024.

³ Cf. Vera Morales, Juan Antonio – Serrano Sánchez, Manuel Javier, “La epigrafía romana como mecanismo de prestigio social en la vivienda popular extremeña”, en Mateos Cruz, Pedro – Morán Sánchez, Carlos J. (eds.), *Exemplum et spolia: la reutilización arquitectónica en la transformación del paisaje urbano de las ciudades históricas* (MYTRA, Monografías y Trabajos de Arqueología, 7), Mérida, 2020, Vol. 2, pp. 687-695.

⁴ Para la contextualización geográfica y económica de la zona, ver Gil Montes, Juan, “El camino más corto entre *Augusta Emerita* y *Toletus*”, *El Miliario Extravagante*, 81, 2002, pp. 16-20; Esteban Ortega, Julio – González Bornay, José Miguel, “Un soldado de la *legio VII Gemina Felix* en Logrosán – Cáceres”, *Ficheiro Epigráfico*, 194 [2019], núm. 713. Para cuestiones relativas

Del texto original inscrito solo se conserva el final de dos de sus líneas, que fueron grabadas en letras capitales cuadradas no del todo regulares en cuanto a tamaño y forma. Así, las de la línea superior miden 6,5 cm de altura, excepto la I (7 cm) y la A (5,5 cm), y las de la inferior entre los 5 cm de las tres últimas letras y los 6 cm de las precedentes. Las A no tienen travesaño y no se aprecian interpunciones en la parte del *area tituli* conservada, si bien no resultarían fáciles de detectar, en el caso de haberlas, ya que la superficie de la piedra ha llegado golpeada y con algún rasponazo evidente. Se puede leer (Fig. 3):

 [- - -?] LIBER+A
 [- - -?]+EITTA

En línea 1, la + es mitad inferior de asta recta vertical de una I o T, por lo que cabría la posibilidad que ahí se mencionara bien un nombre personal femenino como *Liberia*, bien la condición de *liberta* de una mujer.

En línea 2, la + parece seno superior de una B, P o R. Sobre la E se observa la huella de una línea que la atraviesa en diagonal que debió haberse marcado con posterioridad accidentalmente. Además, partiendo del final de la barra superior de esta misma E, ha quedado la impronta de otra línea recta ajena al texto original que se prolonga en vertical hasta el final inferior de la propia letra. A pesar de las alteraciones sufridas de esta parte del texto, nos parece clara la lectura de una E en ese lugar. Por tanto, proponemos como opción de lectura más verosímil aquí *Reitta* o [- - -]*reitta*, un nombre personal femenino usado como *cognomen* o nombre único.

a la sociedad y la administración de la denominada por Higinio Gromático *Turgaliensis regio*: Esteban Ortega, Julio, *Corpus de inscripciones latinas de Cáceres. II. Turgalium*, Cáceres, 2012, pp. 10-12; Gómez Santa Cruz (Julio), “*Augusta Emerita* y el territorio de la *Praefectura regionis Turgaliensis* en época augustea”, *Gerión*, 35, nº esp. 2017, pp. 499-522.

La fragmentariedad de la piedra y su estado de conservación impiden postular con seguridad cuestiones como la tipología del soporte epigráfico (¿ara o estela?), la finalidad de la inscripción (¿votiva o funeraria?) o si de las dos palabras que nos han llegado puede inferirse la mención a una misma persona o quizás a dos distintas.

Así, en la primera línea conservada se lee con claridad, como apuntábamos, *liberta* o *Liberia*. Por índice de frecuencia en la documentación epigráfica habría que pensar en *liberta*⁵, el término indicativo del estatus socio-jurídico de una mujer, cuyo *cognomen* pudo ser el que leemos en la línea siguiente, si bien igualmente posible es que su nomenclatura completa finalizara en *liberta*, habiéndose perdido por tanto el resto en una línea superior o tal vez dos. Por otro lado, *Liberia* es un antropónimo latino que, a pesar de su escasa presencia en la onomástica epigráfica, puede actuar tanto de *nomen gentilicium* como de *cognomen*⁶. En la Península Ibérica solo conocemos dos testimonios de este nombre en sendas inscripciones funerarias: una en Zaragoza con el *cognomen* *Liberius* (CIL II 2997) y otra en Tróia con el nombre único del difunto, *Liberius*, un niño quizás de condición esclava (IRCP 212). Por tanto, de ser *Liberia* lo que realmente se grabó en la piedra, nos encontramos de nuevo ante un dilema como el anterior: ¿es el nombre familiar del mismo personaje femenino cuyo *cognomen* leemos en la siguiente línea o, por el contrario, se trata de un *nomen unicum* o del *cognomen* de otra mujer?

Como hemos planteado *supra*, la interpretación de la segunda línea tampoco es unívoca, y no sólo desde un punto de vista sintáctico como ya ha sido explicado. Con el final en *-eitta*, que parece seguro, solo hemos encontrado un paralelo en todo el Imperio: es

⁵ Sólo para la *regio Turgaliensis* Julio Esteban en su *Corpus de inscripciones latinas de Cáceres*. II. (ver nota anterior) recoge el testimonio de casi una veintena de libertos: doce son mujeres (CILCC 401, 412, 491, 499, 500, 504, 531, 612, 617, 757, 878, 901) y siete varones (CILCC 450, 511, 621, 649, 730, 737, 877).

⁶ Cf. Solin, Heikki – Salomies, Olli, *Repertorium nominum gentilium et cognominum Latinorum. Editio nova addendis corrigendisque augmentata*, Hildesheim – Zürich – New York, 1994, p. 104; Kajanto, Iiro, *The Latin Cognomina*, Roma, 1982, p. 280.

en una placa fragmentaria de mármol procedente de *Contributa Iulia Ugultunia* (Medina de las Torres, Badajoz), en la que sus editores han propuesto, con algunas dudas, la lectura del nombre personal *Reitta*⁷. También existe el *cognomen* masculino *Reita*, un *unicum* que es portado por un *civis Romanus* en una inscripción de Verona, Italia (*CIL* V, 3743)⁸. En cualquier caso, sea *Reitta* o cualquier otro nombre finalizado en *-eitta*, constituye este nuevo testimonio uno más de los pocos *cognomina* documentados por ahora en *Hispania* que se formaron con el sufijo de diminutivo *-itta*, cuyo origen no es del todo claro⁹. Así, por ejemplo, como casos más próximos, geográficamente hablando, al nuestro de nombres con esta sufijación, contamos con varias *Brit(t)a*, en el mismo territorio de *Turgalium* (*CILCC* II, 500; *FE* 423 y 472: La Cumbre, Villamesías y Plasenzuela respectivamente) y también en Cáparra (*CIL* II 805); un *Britto*, en Mérida (*EE* IX, 62)¹⁰; así como una *Sibitta*, en *Regina Turdulorum* (*CIL* II²/7, 988: Casas de Reina, Badajoz).

Para establecer una cronología aproximada del epígrafe, sin duda de época altoimperial en sentido amplio, carecemos de los elementos internos o externos suficientes debido a su fragmentario estado de conservación. Por el momento, todas las demás inscripciones romanas que conocemos de Logrosán se han datado en algún momento de este período (siglos I-II d. C.)¹¹.

Con el que presentamos aquí ya serían once los monumentos epigráficos, todos ellos sobre granito, excepto uno, descubiertos en esta localidad cacereña. Resultan ser cuatro aras votivas más una funeraria, tres estelas (una de ellas de arenisca) y otras dos inscripciones funerarias de soporte tipológico desconocido. Gracias a ellas, conservamos la memoria de al

⁷ Ramírez Sádaba, José Luis – Alonso Vasco, Jesús – Vargas Calderón, José – Grueso Montero, Manuel, *Las inscripciones halladas en las excavaciones arqueológicas de 2009-2010 en “Los Cercos” (Medina de las Torres, Badajoz) y su contexto arqueológico*, Badajoz, 2021, pp. 58-59, núm. 10.

⁸ También *online* en EDR176463.

⁹ Cf. Kajanto, *op. cit.*, p. 129: sufijos *-it(t)a* e *-itto*.

¹⁰ También *online* en CILAE 352.

¹¹ Ver Esteban Ortega, Julio, *op. cit.*, pp. 149-154 (*CILCC* 597-605), y Esteban Ortega, Julio – González Bornay, José Miguel, *op. cit.* (*FE* 713).

menos seis individuos con onomástica claramente indígena y otros tres latina, por lo que, de momento, son mayoría en estas tierras de la zona más oriental de la *regio Turgaliensis* los *incolae* de condición peregrina respecto a aquellos que poseían la ciudadanía romana¹². Ahora, con este nuevo epígrafe que presentamos, quizás haya que añadir una liberta más a la ya nutrida relación de *libertae* conocidas de *Turgalium* y su vasto territorio¹³.

LUIS-ÁNGEL HIDALGO MARTÍN*

¹² Para los primeros, ver Esteban Ortega, Julio, *op. cit.*, *CILCC* 598, 599, 602-605; y para los ciudadanos, *CILCC* 597 y 601. Además entre estos últimos contamos con el recuerdo a un soldado que sirvió en la *legio VII Gemina* (*FE* 713).

¹³ Ver nota 5.

* Consorcio de la Ciudad Monumental, Histórico-Artística y Arqueológica de Mérida (CCMM). Email: lhidalgo@consorciomerida.org. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-0893-7282>



FIG. 1 – Lugar donde se encuentra actualmente expuesta la inscripción.
© Luis Á. Hidalgo Martín



FIG. 2 – Estado de la última reutilización del epígrafe cuando se descubrió.
© Remedios Corral



FIG. 3 – Foto de detalle de la inscripción. ©Luis Á. Hidalgo Martín